

# **Narrativas de papel, janelas virtuais, Goiás: suportes narrativos na representação da cidade patrimônio mundial <sup>1</sup>**

Eliane Lordello<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i18p117-140>

## **Resumo**

O objeto deste trabalho é a representação em website da cidade setecentista de Goiás-GO, registrada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em 2001. Considerando o site o mais novo suporte narrativo das cidades, este texto questiona como Goiás é representada nessa mídia, relativamente a dois suportes precedentes ao meio eletrônico: os livros e as revistas. Assim motivado, este estudo visa explorar os potenciais dos sites como os novos suportes narrativos de cidades, em especial as tombadas e as registradas pela (Unesco). Designando os livros e as revistas como narrativas de papel, e os sites como janelas virtuais, o trabalho se inicia por uma fundamentação que caracteriza esses três suportes narrativos. Após evidenciar os principais distintivos de cada um dos três, suas diferenças, afinidades e seus préstimos para a narrativa e a memória das cidades, prossegue pelo estudo empírico, enfocando Goiás. Para tanto, recorre ao referencial metodológico da Teoria das Representações Sociais e aos métodos analítico-descritivo e de análise do discurso. Com base nos resultados da análise empírica, conclui pela intertextualidade entre os suportes narrativos abordados e sugere outros desdobramentos teóricos e metodológicos.

**Palavras-chave:** Patrimônio mundial. Representações sociais. Websites.

## **Paper narratives, virtual windows, Goiás: different narrative media in the representation of a world heritage city**

### **Abstract**

The object of this paper is the website representation of the XVIII century city of Goiás, designated as a historic site by the United Nations Educational, Scientifics and Cultural Organization (Unesco) in 2001. Considering websites as the newest narrative media for cities, the way Goiás is represented in such media is questioned, in relation to two types of media prior to websites: books and magazines. Thus, this study aims at exploring the potential of websites as a brand new narrative media for cities; especially those cities designated as historic sites. Defining books and magazines as paper narratives

and websites as virtual windows, the study begins by the basis that characterizes those three types of narrative media. After making clear the main distinctive aspects in each of those three, their differences and similarities, and their usefulness for the city narrative and memory, there follows an empirical study focused on Goiás. To achieve that, the study draws on methodological references from the social representation theory, and analytical-descriptive and discourse analysis methods. Based on the empirical analysis results, it concludes for the inter-textual cooperation between the kinds of narrative media covered and suggests other theoretical and methodological developments.

**Keywords:** World heritage. Social representations. Websites.

## 1 Introdução

Ambientando as vivências humanas e formando suas memórias, as cidades são espaços narráveis por excelência. Assim sendo, são descritas, expostas e difundidas em diferentes suportes narrativos, tais como os livros, as revistas e os sites. Além disso, as cidades podem ter suas memórias instituídas como patrimônios em diferentes instâncias, por exemplo, a nacional ou a mundial, como é o caso de Goiás, cidade enfocada neste trabalho.<sup>3</sup>

Cidades tombadas são espaços de memória fartamente representados em diferentes suportes narrativos, dos antigos cartões postais aos sites da web, passando pelos livros e revistas. De todos esses suportes, os sites são os mais recentes e aqueles nos quais as informações sobre as cidades são mais rapidamente acessadas na atualidade cibercultural. No que tange especificamente a cidades tombadas e registradas, a representação no universo virtual da web parece complexa por sugerir uma aparente dessemelhança: aquela entre a pátina do tempo, que atinge essas cidades, e a ideia de novidade que os sites aparentam. Além de serem novas mídias, os sites transmitem, a priori, uma ideia fortemente tecnológica, pois remetem a todo um aparato eletrônico, de acesso ainda não completamente franqueado. Eis alguns dos principais motivos de parecerem os sites ainda uma eterna novidade como suporte narrativo.<sup>4</sup> Veiculadas nos sites, as cidades parecem, a princípio, destituídas de sua pátina temporal, como se nelas se colasse a ideia de novidade dessas mídias.

As questões acima aventadas motivam este artigo, cujo objetivo é explorar os potenciais dos sites como suportes narrativos de cidades tombadas relativamente a dois outros suportes que os precederam no tempo: os livros e as revistas. Designando estes dois últimos como narrativas de papel, e os sites como janelas virtuais, o trabalho se inicia por uma caracterização desses três suportes. Tendo, nessa etapa, evidenciado

os principais distintivos de cada um dos suportes, as diferenças e afinidades que eles mantêm entre si, e seus préstimos para a narrativa e a memória das cidades, o trabalho prossegue pelo estudo empírico.

Além de fundamentar-se nos já citados suportes narrativos de cidades, atentando para aqueles que precederam os sites, o estudo empírico embasa-se também nos seguintes conceitos: o patrimônio mundial, enfocando sua reprodutibilidade na atualidade globalizada (a cibercultura); a diversidade cultural, focalizando sua difusão na cibercultura; a Teoria das Representações Sociais, demonstrando seus aportes para a pesquisa de cidades em mídias.

O conceito de representações sociais participa da teoria assumida por Moscovici<sup>5</sup>, para quem o que caracteriza essencialmente uma representação social é o fato de ela constituir uma ordem orientadora, um código nomeante e classificador. A representação social permite contatar o saber circulante acerca de objetos, assuntos, de uma ou sete cidades. Igualmente, possibilita detectar a existência de um senso comum e acessá-lo. Por esses motivos, considera-se esse referencial pertinente para a abordagem empírica do problema que se acabou de detalhar. Para a detecção e análise das representações de Goiás no site eleito, foram aliados aos fundamentos, antes citados, os passos metodológicos sugeridos pela Teoria das Representações Sociais e os métodos analítico-descritivos e de análise do discurso.

O estudo empírico enfoca a cidade em um único site, chamado *Cidades Históricas Brasileiras* (2012), em sua versão para Goiás. Esse site foi destacado de uma amostra formada em um percurso metodológico que compreendeu o acesso a 700 sites e o estudo de 215 para eleger os de mais completo conteúdo, permitindo cingir um recorte de 28 sites. Nesse âmbito, o site *Cidades Históricas Brasileiras* apresentou o melhor e mais completo conteúdo sobre a cidade, justificando a sua escolha.

A análise do site permitiu detectar que há ali uma representação social para Goiás: a de província. Trata-se de um resultado a repercutir representações de lugares turísticos de projeção internacional, consagradas por livros e revistas, exatamente os dois suportes precedentes aos sites na narrativa e representação das cidades. Tal constatação, entre outras possibilitadas pela análise, permitiu concluir pela intertextualidade entre os suportes narrativos abordados. Igualmente, ensejou reflexões sobre a aplicabilidade da Teoria das Representações Sociais para o estudo de cidades tombadas em mídias.

## **2 Narrativas de papel e janelas virtuais**

O significado de “narrativa” assumido neste trabalho é o corrente: “exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados, reais ou imaginários, por meio de palavras ou de imagens”, segundo Houaiss (2001). Seguindo essa acepção, abordam-se aqui as especificidades narrativas que distinguem, como suportes narrativos, os livros e as revistas (narrativas de papel) e os sites (janelas virtuais).

No sentido corrente, as narrativas de papel, em geral, caracterizam-se por uma leitura linear. Os ocidentais as leem da esquerda para a direita e de cima para baixo. Tendo por suporte o papel, essas narrativas permitem a inserção dos comentários dos leitores ao longo dos seus textos. Ademais, permitem idas e vindas em seu percurso de leitura, de modo manual e confortável – um leve passar e repassar de páginas.

Como explica Zilberman (2000) o livro é em si mesmo um objeto histórico, proveniente do começo da era cristã, a que remonta o aparecimento do códice em substituição ao rolo de pergaminho. Sua utilização, relembra a escritora, somente veio a universalizar-se depois de inventada e difundida a imprensa, no século XV. A revolução industrial, propiciando que se expandisse a feitura de obras impressas, que requeriam mais consumidores, também contribuiu para a ampliação do público leitor.

Zilberman assevera também que, no século XVIII, a leitura já estava bastante entranhada na vida coletiva. Assim, o leitor, tal como hoje conhecido, formou-se e enraizou-se na cultura. Para explicar tal sucesso, ainda hoje persistente e que tanto revela desse suporte narrativo, há que se começar por uma sensação consabida de todos os leitores: a reciprocidade. Responsável por que se sintam os livros como camaradas, esse sentimento foi definido nos termos que seguem, por Manguel (2001, p. 106):

O livro na minha estante não me conhece até que eu o abra, e no entanto tenho certeza de que ele se dirige a mim – a mim e a cada leitor – pelo nome; está à espera de nossos comentários e opiniões. Eu estou pressuposto em Platão, assim como cada livro me pressupõe, mesmo aqueles que nunca lerei.

No entender da pesquisa que origina este artigo, esse tipo de sensação é fortalecido pelo caráter de interioridade da leitura das narrativas de papel, que, no caso do livro, é também reflexo de sua própria peculiaridade física: constituir um todo fechado por encadernação. O poeta João Cabral de Melo Neto (1999, p. 367) chegou a poetizar a respeito dessa interioridade:

Silencioso: quer fechado ou aberto,

inclusive o que grita dentro; anônimo:  
só expõe o lombo, posto na estante,  
que apaga em pardo todos os lombos;  
modesto: só se abre se alguém o abre.

Ademais de propiciadores do sentimento de interioridade, do contato do leitor consigo mesmo, os livros ensinam a ideia de continuidade no tempo, trazendo à tona a noção de memória. São suportes narrativos historicamente associados à preservação da memória, não apenas por sua própria antiguidade, mas também por sua longevidade.

“A gente passa, e os livros ficam. Para serem conservados e mais utilizados, uma biblioteca precisa ter uma dimensão institucional”, disse o bibliófilo José Mindlin à jornalista Mariana Lacerda (2006, p. 43), em um flagrante reconhecimento da amplitude do papel memorialístico do livro, e, por extensão, da biblioteca. Ao admitir a função memorialística do livro, Mindlin consigna um vínculo já introjetado na cultura, entre o livro e a conservação da memória, que sequer a aparição da internet, com suas novas mídias, abalou. É o que comprova a reportagem “Fim da era do Livro?”, nos termos abaixo transcritos.

[...] anunciam-se o final da era do livro, sua substituição por multimídias interativas, a metamorfose do consumidor de obras escritas no *nerd* internauta, aventureiro que percorre até agora desconhecidos universos virtuais.

Os vaticínios provêm dos profetas da aurora do milênio, cujas palavras revelam, de um lado, otimismo, de outro, desalento. As primeiras devem-se à possibilidade de se descortinarem horizontes julgados, até poucos anos, sequer imagináveis. Os segundos, porém, sofrem com a hipótese de desaparecerem culturas e tradições milenares, transformadas em espaços hipotéticos alojados nas memórias de máquinas pessoais. (ZILBERMAN, op.cit., p. 1-2.)

Escreve-se este artigo em 2012, quando a reportagem acima resgatada resiste no acervo pessoal de jornais desta autora, desde o ano 2000. Seus suportes, os papéis-jornal, amarelaram nesse intervalo; os destinos que vaticinam, porém, não se realizaram. O que por ora se viu foi uma popularização maior do uso da Internet, mas não a ponto de suceder aquela metamorfose aventada. Quanto à posição pessimista, tampouco as culturas e tradições ditas milenares foram ainda congeladas em universos virtuais. São, isto sim, veiculadas amplamente no universo da web, como demonstra o próprio site da Unesco.

Recupera-se tal reportagem porquanto ela diz da recepção das novas mídias, e não apenas comparativamente aos livros. Em todo caso, o surgimento das mídias da web em nada abalou a longeva associação entre livro e memória. Essa associação é proveniente de longa data, pois aos livros impressos e encadernados atualmente

conhecidos, precederam as tabuletas, os rolos e os códices. Estes últimos formaram o artefato mais confortável encontrado à sua época, para o que, ainda hoje, são duas das mais propaladas vantagens dos livros como suportes narrativos: a portabilidade e a possibilidade de inserção de comentários.

As duas vantagens acima descritas, os sites não as apresentam. Quanto à primeira, alguém poderia objetar que os sites, apesar de não serem transportáveis senão pelos computadores, são acessíveis de qualquer ponto conectado à internet. Contra tal objeção, pode-se argumentar que ainda há muitos lugares onde as conexões inexistem ou são precárias. Acrescente-se a isso a complexa transposição de obras de grande porte para sites.<sup>6</sup>

Se para a leitura da obra como um todo a transposição para o meio virtual é problemática, para fins de consulta ela apresenta algumas vantagens. A principal delas é a possibilidade de acessar uma passagem do texto pelo recurso “ferramenta de localização” dos programas, ou ainda por janelas de busca dos próprios sites.

Quanto à segunda vantagem apontada para o livro, a de permitir anotações dos leitores, esta é facilitada pelas quatro margens usadas nos livros, desde suas versões em códices. Desse modo, o livro faculta a inscrição, em suas páginas, de uma segunda memória – a dos leitores, a qual passa a participar da longevidade desse suporte. Prosseguindo na abordagem das narrativas de papel comparativamente às janelas virtuais, passa-se agora a tratar das revistas.

As revistas remontam ao século XVII. A experiência pioneira no periodismo literário é francesa e vincula-se ao lançamento do *Journal des Sçavants* (posteriormente chamado *Journal des Savants*), que circulou em Paris de 1665 a 1795. É o que assinala a historiadora Martins (2001, p. 38) como uma informação que “a bibliografia é unânime em apontar”. A historiadora aponta a existência de revistas também na Itália e Alemanha, igualmente no século XVII.

Martins (op.cit., p. 39) salienta que o periodismo tinha seu fulcro em “agremiações e/ou grupos que se queriam colocar, valendo-se do aperfeiçoamento do papel e de suportes técnicos que uma imprensa secular vinha permitindo operacionalizar”. Esta conjuntura, acrescenta a historiadora, era favorecida de modo especial pela evolução dos meios de transporte. Segundo Martins, primeiro os jornais, e depois as revistas, transformaram-se em meios usuais de informação. Em tal contexto, confiava-se aos jornais as notícias de teor político e de imediata divulgação. Às revistas consignavam-se temas variados, de informação mais apurada, anunciando as mais recentes

descobertas sobre as matérias tratadas.

Na Europa, o avanço técnico das gráficas, o aumento da população leitora e o alto custo do livro desenharam a conjuntura propícia para o sucesso das revistas naqueles oitocentos, lembra Martins. Mas é o mérito de condensarem um diversificado conjunto de informações em uma só publicação que a autora considera o motivo determinante para o êxito desses veículos no século XIX. Martins (op. cit., p. 40) acrescenta que, situadas entre o jornal e o livro, as revistas contribuíram para aumentar o público leitor, colocando o consumidor em contato com o “noticiário ligeiro e seriado, diversificando-lhe a informação.” A esses motivos, a autora acrescenta ainda o baixo custo da revista.

As principais características com que Martins distingue as revistas oitocentistas dos livros daquele tempo assemelham-se às que os diferenciam na atualidade. São elas: a leveza da configuração, o menor número de folhas e a leitura entremeada de imagens. No respeitante a este último aspecto, os recursos atingidos pela ilustração são apontados pela autora como o “marco revolucionário” na trajetória da revista. Citando Robert (1989); Freire (1943); Rocha (1985), Martins resgata aspectos adicionais do periódico, a saber: o caráter mais ou menos especializado da publicação; a periodicidade geralmente mensal; o fato de ser datada, de apresentar artigos originais de crítica ou análise; de passar em revista vários assuntos; de facultar um tipo de leitura fragmentada, descontínua, e por vezes seletiva; de ser quase sempre uma criação do trabalho em grupo.

A propósito, cabe notar que, exceto pela periodicidade, todas as outras características supracitadas podem ser atribuídas ao site como mídia. Todavia, parece pertinente acrescentar, a essas características, três outras. A primeira é a facilidade de aquisição, pois a grande maioria das revistas é comercializada em bancas de jornais, nas ruas das cidades (excedem tal quadro as revistas acadêmicas e as publicações comercializadas unicamente por assinaturas). Esse caráter explica em parte a penetrabilidade das mais diferentes revistas nas diversas classes sociais. A segunda característica é a facilidade de transporte e manuseio, permitindo a leitura sob as mais variadas – e até adversas – condições, a exemplo do transporte coletivo. Nesta facilidade reside a consideração dessa mídia como fortemente companheira.

Por fim, outra característica é a interatividade que facultam aos leitores, desde seções de cartas a colunas direcionadas para responder as questões dos leitores, a partir das quais estruturam sua temática e seu texto.<sup>7</sup>

Trata-se de um contato ainda mais favorecido pela web, por meio dos informativos

conhecidos pelo anglicismo *newsletters*. Hoje uma mídia consagrada, as *newsletters* são um recurso de periódicos e empresas das mais diversas ordens, e a própria Unesco mantém uma, específica sobre o patrimônio mundial, intitulada *Courier*.

Ademais, o público leitor de uma determinada revista tende a ver-se como uma comunidade, o que atualmente é muito incentivado pelas revistas e favorecido pelos chamados fóruns, que a web veio a facilitar. Tudo somado, conclui-se que as revistas trabalham cada vez mais próximas dos sites. Isso é ainda reforçado pelo corriqueiro fato de as matérias das revistas terminarem por indicações de *links* para informações adicionais, extras do conteúdo da reportagem ou artigo.

Do ponto de vista da relação da revista com a memória, há ainda algumas considerações a fazer. Martins (op. cit., p. 46) assinala como traço recorrente da revista o seu caráter fragmentado e periódico, “imutável nas variações geográficas e temporais onde o gênero floresceu, resultando sempre em publicação datada, por isso mesmo de forte conteúdo documental.”

Além do aspecto datado, outras características associam um jaez documental à revista. São elas: a própria historicidade de sua trajetória; a sua permanência como mídia ao longo dos tempos; a sua durabilidade como suporte, graças ao material papel, embora de encadernação menos durável que a do livro. Na ótica documental, as revistas são preciosas para a memória cultural, nela incluída a memória das cidades, sendo, portanto, muito valorizadas pelos historiadores, reconhecimento este arrazoado por Martins (op. cit., p. 21) nos termos que seguem.

Fonte preferencial para pesquisas de teor vário, a revista é gênero de impresso valorizado, sobretudo por “documentar” o passado através de registro múltiplo: do textual ao iconográfico, do extratextual – reclame ou propaganda – à segmentação, do perfil de seus proprietários àquele de seus consumidores.

O caráter lúdico desse periódico, de leitura amena e ligeira, explica a opção expressiva por essa modalidade de suporte da leitura na produção da História em suas múltiplas dimensões.

Apesar do quão importante sejam esses aspectos na associação da revista com a memória, a afetividade sobrepuja-os todos. As revistas, assim como os livros, além de interagir com os leitores tornam-se objeto de colecionismo e da formação de acervos.

Sumarizadas e refletidas a história dos livros e revistas, suas principais características e seus préstimos para a representação, narrativa e memória das cidades, prossegue-se por relativizá-los com os *sites*.

Janelas virtuais, os sites abrem-se nas telas dos computadores, dando acesso a multifários conteúdos no universo aparentemente infinito da web. Os sites trabalham com bancos de dados de informações digitalizadas, para atualização permanente. A informação digitalizada caracteriza-se pelo modo íntegro de sua disponibilidade, vale dizer: estando acessível, ela se apresenta de modo 100% íntegro, jamais de forma quebradiça ou incompleta. Portanto, uma vez transposta ao site, a informação digitalizada não se degrada.

É voz corrente que os sites se caracterizam por uma leitura não linear. Todavia, com base em intensa pesquisa e convívio com essas mídias, permite-se reunir, aqui, algumas considerações para objetar a tal ideia. Em primeiro lugar, porque é muito natural que os ocidentais, que aprendem a ler com livros, leiam todos os textos de modo linear. Vale dizer que se considera modo linear a leitura da esquerda para a direita, do alto para baixo, e sempre avante. Sendo assim acostumados, é muito provável que também configurem seus textos e hipertextos desse modo. Uma enorme quantidade de sites é montada do modo como é usual nas narrativas de papel – com a informação principal à esquerda e no alto, conduzindo a partir daí a leitura.

Mesmo com todo o avanço tecnológico na cibernética, os editores de texto ainda reproduzem na tela o formato das folhas de papel, como se atualizassem as antigas máquinas de datilografia. Além disso, a própria barra de rolamento, que reproduz o modo de leitura dos antigos rolos de papel, leva a ler os sites nesse sentido. Em última análise, essa transposição do modo linear aos sites e editores de texto pode ainda ser entendida como reflexo do próprio processo de letramento, que habilita, entre outras coisas, a lidar com variada sorte de aparelhos. No respeitante ao trato da sociedade letrada com mecanismos, convoca-se outra passagem de Zilberman (op. cit., p. 2, grifo nosso) na matéria “Fim da era do livro”, anteriormente citada.

O processo de letramento, de que decorrem as aptidões para ler e escrever com competência, prepara o sujeito para o uso da máquina e mesmo equipamentos mais sofisticados, de funcionamento automatizado, não dispensam o indivíduo que o comanda e manipula. [...] A programação dos servomecanismos supõe, porém, a orientação linear e bidimensional própria ao exercício do ato de escrever e ler.

Parece mais apropriado, então, caracterizar essa narrativa por sua intertextualidade. Conceito inicialmente ligado à literatura, a intertextualidade é definida como uma superposição de um texto literário a outro e também como a influência de um texto sobre um segundo, que o toma como ponto de partida, atualizando o primeiro.

O hipertexto, forma textual usada nos sites, é montado em camadas, representadas pelos links presentes em seu interior, permitindo um arranjo das suas mensagens por cada leitor. Este modo de montagem é, pois, intertextual na medida em que um texto se sobrepõe a outro, é evocado por outro, ou evoca outro, e assim por diante.

Outra característica narrativa presente nos sites é a conjugação de textos e imagens com recursos gráficos e de movimento, animação, áudio e vídeo. Alguns sites apresentam uma interatividade entre esses recursos, intercalando-os ao texto, o que torna muito fluente a narrativa. Além disto, essa interatividade propicia a elocução de várias vozes a respeito de um mesmo tema, concedendo à narrativa um caráter polifônico.

Mais um aspecto narrativo que se apresenta nas janelas virtuais é o metalinguístico. A linguagem digital, entre outros préstimos, possibilita a transposição de outras linguagens para o meio virtual. Exemplos desse feito são as versões digitais, para os sites, de textos impressos, fotografias reveladas em papel, mapas antigos, desenhos arquitetônicos, entre outros documentos. Seja por apropriar-se de uma linguagem primeira, seja por transpor documentos via scanner, ou qualquer dispositivo, é sempre metalinguagem, pois descreve outra linguagem.

Quando da abordagem das narrativas de papel, disse-se aqui que duas entre as mais propaladas vantagens dos livros como suportes narrativos são a portabilidade e a possibilidade de inserção de comentários. As revistas igualmente apresentam esses préstimos. Quanto à facilidade de transporte, os sites apresentam-na se considerado seu transporte como dado gravado nos próprios computadores e sua acessibilidade via web, embora este acesso ainda não esteja universalizado. Quanto à possibilidade de comentar o conteúdo, no caso dos sites é facultada pelas janelas para postagem de comentários, oferecidas, por exemplo, nos seus fóruns.

Em todos esses casos, porém, trata-se de um registro da passagem dos leitores internautas por aquela determinada página. Sua duração é, portanto, vinculada ao tempo de permanência da página no ciberespaço. O que se deseja enfatizar é que, em todo caso, pela ausência da pátina do tempo, essas inscrições diferem totalmente das registradas em livros e revistas, do ponto de vista da memória. Nas páginas amareladas pelo tempo, de livros e revistas, os registros manuscritos participam do envelhecimento inerente às narrativas de papel.

Nos sites, não se tem a percepção de envelhecimento, sequer de obsolescência. Mesmo nos que se ocupam de assuntos de história e patrimônio, como é o caso dos

sites dedicados a monumentos e cidades tombadas ou registradas, não se apresentam sinais da longa duração. Por ser uma novíssima mídia, a pátina do tempo parece não os ter atingido. No meio virtual, tudo parece luzir como novidade, inclusive porque as reformulações e atualizações são muito constantes nos sites.

Uma característica com que outrora se definiu aqui as narrativas de papel, não é favorecida pelos sites: a interioridade. Comparativamente ao livro, a relação com o site é exterior, o que é explicável, por exemplo, pelo fato de poder manter abertos vários sites simultaneamente, como um painel de leitura nas telas dos computadores.

Naturalmente, tocar, ler, vivenciar o contato com um documento em seu acervo original e lê-lo nos vítreos écrans dos computadores são duas experiências totalmente incomparáveis. Entretanto, há que se ter em mente as vantagens dos sites para a difusão, acessibilidade e interatividade dos mais diversos temas e instâncias de memória. Mesmo nesses casos, permanece, todavia, a aparência de novidade – como se não fora memória, mas, sim, uma reificação, dado o seu automatismo.

Não cabe, neste trabalho, entrar na seara tecnológica para explorar as condições para a atualização dos sites, campo que foge ao escopo inicialmente proposto. Mas a reflexão sobre a aparência de novidade e suas correlações com a ideia de memória conduz a algumas incursões, ainda que breves, sobre recursos de atualização e memória relativos aos sites. Inicia-se pelo aspecto visual dos sites, que parece sempre atual, pois os seus projetos gráficos e operacionais, de que se ocupam os chamados *web designers*, podem ser reformulados veloz e constantemente.

Da perspectiva da permanência da informação e dos registros nos sites, segundo o cientista da computação Busato (2006), um site pode durar indefinidamente, desde que mantidas as condições para tanto: um provedor que o abrigue e um mantenedor que o opere. Na seara tecnológica, há estudiosos que atrelam a possibilidade de conservação do meio digital a seu acesso continuado, como explicado na passagem abaixo.

Quanto mais uma informação em meio digital é acessada, maior a probabilidade de ser conservada, ou melhor, mais interesse haverá em sua atualização. Ou ainda, maior interesse haverá em permitir que programas novos continuem a acessá-la (a chamada 'compatibilidade reversa'). A internet exerce um papel fundamental para isso, justamente porque é de acesso muito mais fácil que os CD-ROMs. (PARAÍZO, 2006.)

É interessante destacar, no trecho acima transcrito, o vínculo assinalado entre a conservação do meio digital e seu uso continuado. Esse elo reverbera o relacionamento

entre a conservação do bem arquitetônico e seu uso, que consiste em uma das teorias da conservação de bens, conjuntos e sítios históricos urbanos. Há que se salientar ainda que, no caso das narrativas de papel, dá-se o oposto disso. Quando consideradas de grande valor histórico, literário, ou de outra natureza, ou quando de grande raridade, têm seu uso restrito, via de regra protegido em acervos de visitação limitada, em nome de sua conservação. É o caso, por exemplo, das coleções especiais das bibliotecas, onde, em compartimentos climatizados, são conservados e lidos os livros e periódicos cujo empréstimo é impedido.

Notadamente no que tange à memória das cidades, essas reflexões têm despertado novos campos de compreensão e novos conceitos, pois os préstimos das janelas virtuais como suportes narrativos manifestam-se relativamente às cidades e a seu patrimônio. Os aportes dessa fundamentação e as questões por ela suscitadas encontram, na análise de um site de cidade histórica registrada pela Unesco, um campo fértil de averiguação, ensejando a passagem para o estudo empírico.

### **3 Goiás vista por uma janela virtual**

Fundada em 1727, Goiás situa-se nos contrafortes ocidentais da Serra Dourada, onde surgiu como um pequeno arraial às margens do Rio Vermelho, primeiro nomeado Sant'Ana. Sétima e última cidade inscrita na Lista do Patrimônio Mundial, Goiás teve seu Centro Histórico tombado em 16 de dezembro de 2001.

Escolhido por apresentar o mais completo conteúdo entre os sites pesquisados para a cidade, o site Cidades Históricas Brasileiras (<http://www.cidadeshistoricas.art.br/goias>), em sua versão para Goiás, é a janela virtual de que se ocupará esta análise empírica. Sua página principal segue a mesma organização de conteúdo e projeto gráfico do site para as demais cidades que aborda, variando, em geral, apenas a cor de fundo. No caso desta versão para Goiás, a cor de fundo é o verde-esmeralda, remetendo à cor da serra que emoldura a cidade, ao verdor de sua vegetação e às míticas esmeraldas, vislumbradas por tantos bandeirantes. Assim, a página inicial antecipa a valorização da natureza que participa da abordagem de Goiás no *site*.

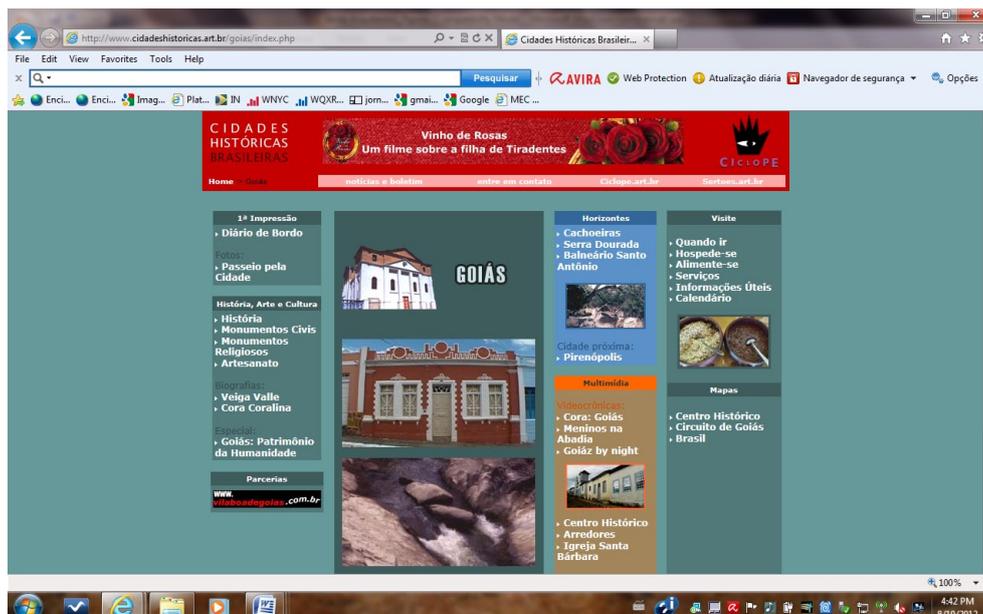


Figura 1 – Página inicial do site Cidades Históricas Brasileiras/Goiás.

Fonte: Cidades Históricas Brasileiras/Goiás.

Disponível em: <<http://www.cidadeshistoricas.art.br/goias/>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

Emoldurada pela Serra Dourada, cortada pelo Rio Vermelho, Goiás é retratada no site como uma cidade interpenetrada por elementos naturais e com uma vivência muito próxima da natureza. É também uma cidade dita pacata, que se pode percorrer a pé de modo mais favorável do que de automóvel. “A cidade é plana e as ruas estreitas, imortalizadas nos versos da filha ilustre, Cora Coralina, de calçamento irregular, convidam para uma caminhada e afugentam os carros”, informa a página intitulada “Quando Ir”.

É o lugarzinho onde a vida escorre lentamente durante o dia, e animadamente à noite, quando os seus moradores ganham as janelas, as calçadas, as ruas e praças. Nessa cidade são cultivados os valores da boa prosa, da comida simples, dos quintais fartos de frutas, hortaliças e ervas. “A antiga cidade ainda preserva os costumes do interior como as casas com grandes quintais”, anuncia o site em sua primeira página sobre a cidade, o “Diário de Bordo”. Seus visitantes são convidados a entrar nessa cadência e a valorizar a simplicidade, as tradições locais, a natureza e a gente entre interiorana e universal – a seguir a legendária máxima, atribuída a Leon Tolstói: “se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia” (CLUBE de leituras, 2008).

Em uma palavra, tal como retratada neste site, a cidade é “provinciana”. Mais ainda: assim o é, porque no site é precisamente a província a representação social que a explica, a codifica; e instrui sobre as suas práticas, estendendo-as ao visitante. O conceito de provincianismo, tal como surge no site, pode ser tomado em seu sentido

*lato*: “[...] maneira de ser ou costume próprio de (uma) província [...]”, conforme Houaiss (op. cit.). Confirma-o, por exemplo, a seguinte passagem da página “Diário de Bordo”: “Em Goiás você pode sentir como era a vida nas vilas do interior, tocada com passo calmo e constante, com prosas ao anoitecer, no banco das praças, enquanto as crianças brincam de pegador”. Eis a cidade segundo a representação social de província, que preside a sua abordagem neste site.

Em seu bloco de imagens, a cidade protagoniza seu provincianismo em todos os vídeos e videocrônicas, norteados que são pela representação social de província. Na videocrônica *Meninos na Abadia*, rodada em um fim de tarde em Goiás, na Rua da Abadia, crianças brincam nas calçadas de um casario modesto, ao som de músicas infantis.

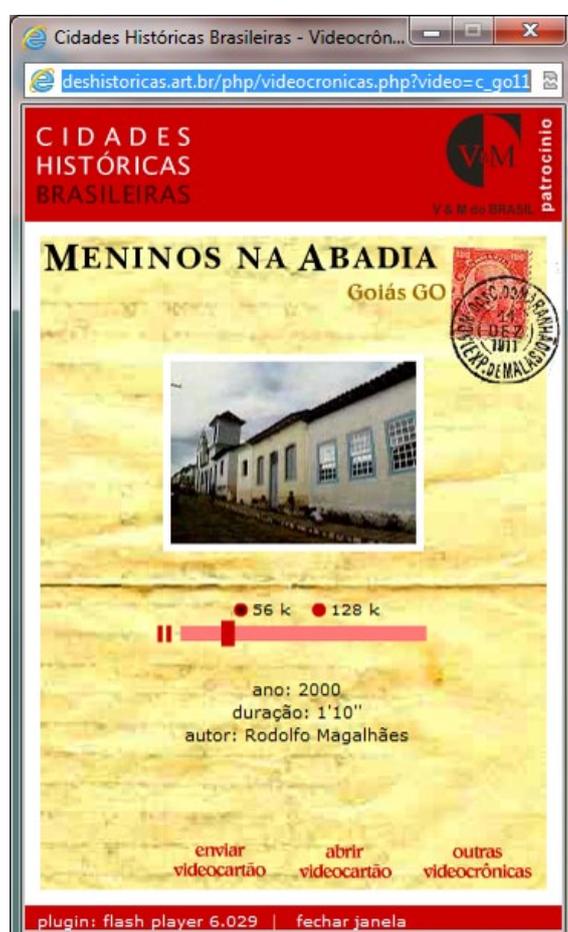


Figura 2 – Janela do vídeo Meninos na Abadia.

Fonte: Cidades Históricas Brasileiras/Goiás.

Disponível em: <[http://www.cidadeshistoricas.art.br/php/videocronicas.php?video=c\\_go11](http://www.cidadeshistoricas.art.br/php/videocronicas.php?video=c_go11)>.

Acesso em: 31 jul. 2012.

Em *Goyaz by Night*, outra videocrônica, na rua iluminada por luminárias baixas e pelas luzes das janelas, veem-se pessoas sentadas à porta e o passar de uma bicicleta com

caixa de som. Um dos meninos que por ali brinca interpela o cinegrafista com sotaque interiorano – “Oê num viu o Zé Pereira passar, não? Sujou oê não?”. O vídeo segue para a Praça Brasil Caiado, onde, entre o tremeluzir das luminárias, veem-se carrinhos de pipoca, a animação das conversas adultas e das crianças brincando de “esconde-esconde”.



Figura 3 – Janela da videocrônica Goiás By Night.

Fonte: Cidades Históricas Brasileiras/Goiás.

Disponível em: <[http://www.cidadeshistoricas.art.br/php/videocronicas.php?video=c\\_go51](http://www.cidadeshistoricas.art.br/php/videocronicas.php?video=c_go51)>.

Acesso em: 31 jul. 2012.

Nesta codificação da cidade no site pela representação social de província não há nenhum traço negativo; por exemplo, em nenhum momento surge uma sugestão de atraso ou pouco desenvolvimento. Ao contrário, o sentido do provincianismo é exaltado, repercutindo o modo como a representação social de província é colada a lugares que se notabilizaram justamente por um provincianismo eternizado.

O caso mais célebre desse tipo de lugar imortalizado pela representação social de província é a Provence. Essa região rural francesa é evocada, em muitos textos, justamente pelos mesmos atributos que compõem na narrativa de Goiás neste

site. Veja-se, a exemplo disso, a seguinte narrativa, do *Guia de viagem 10 razões para você se apaixonar pela Provence*, da jornalista Claudia Carmello (2007, suplemento).

Quem já não sonhou em mudar de vida e ir morar em um antigo casarão de pedra no meio de um vinhedo na Provence? O clichê é tão poderoso que nem gênios como Van Gogh, Albert Camus ou Pablo Picasso conseguiram escapar. Todos se apaixonam pela vida preguiçosa de passar horas admirando a paisagem bucólica e ensolarada, de cozinhar com ervas frescas, de beber os vinhos do quintal. Os turistas são atraídos por *best-sellers* como *Um ano na Provence*, do inglês Peter Mayle, ou o filme recente baseado noutro romance dele, *Um bom ano*, de Ridley Scott. Tudo sempre igual: um urbanoide convicto é levado a um paraíso rural e percebe que a vida é feita de prazeres simples.

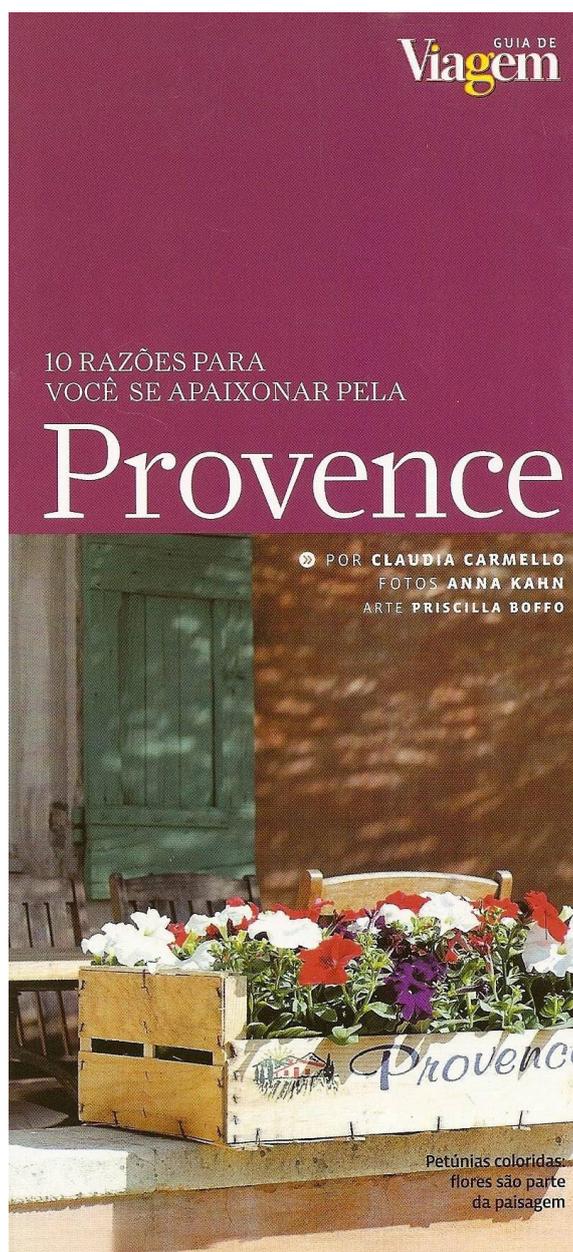


Figura 4 – Guia de viagem: 10 razões para você se apaixonar pela Provence. Fonte: Anna Kahn (apud CARMELLO, 2007, *Viagem e Turismo*, Suplemento).



Figura 5 – Campos de lavanda, no Guia de viagem: 10 razões para você se apaixonar pela Provence. Fonte: Anna Kahn (apud CARMELLO, 2007, *Viagem e Turismo*, Suplemento).

Vista mesmo como uma pequena aldeia, interpenetrada pela natureza e dominada visualmente por uma grande serra, popularizada pela simplicidade, a Goiás deste site assemelha-se ao ícone turístico francês perenizado e celebrado por seu provincianismo. Nessa representação de província, reside, pois, uma afinidade entre Goiás, no interior do Brasil, e a Provence, no interior da França. Identificam-se, portanto, as duas. Tal pensamento de aproximação reflete uma das possibilidades abertas pela Teoria das Representações Sociais para o entendimento da atualidade globalizada. Essa possibilidade oferecida pela teoria é a abaixo convocada, tal como expressa por Arruda (2002, p. 17- 46).

Ela oferece, portanto, interesse para o momento de intensas trocas que o atual processo de mundialização promove, no qual se precipita a velocidade com que a informação é despejada sobre nós, ao mesmo tempo em que se acirra a marcação das identidades, territoriais ou não.

Por fim, vale acrescentar que, transmitida às práticas da cidade, a representação social de província pauta as biografias de goianos identificados no site como os personagens ilustres da cidade de Goiás. É o que transparece na biografia do artista José Joaquim da Veiga Valle (1806-1874). Conhecido por Veiga Valle, ele é apresentado como natural do antigo arraial de Meia Ponte, a atual pequena cidade de Pirenópolis, e como filho de família simples. Sua formação de escultor deve-se, possivelmente, ao autodidatismo, e seu trabalho nessa função ocorreu na cidade de Goiás, onde veio a falecer sem jamais ter saído do estado, informa o site.

A representação social de província é também o que transverbera na biografia da poetisa Cora Coralina (1889-1985). A poetisa é definida como “voz viva da cidade

de Goiás, personagem e símbolo da tradição da vida interiorana”, o que confirma sua codificação pela representação social norteadora da cidade e seus personagens. Igualmente confirmam a sua instrução pela representação social de província as videocrônicas que apresentam a vida e a obra da poetisa no site, todas bachelardianas em seus argumentos. Essas videocrônicas compõem uma trilogia, doravante analisada segundo sua ordem de surgimento no site.

O vídeo *Rio Vermelho* inicia-se por *close* em um pequeno trecho do rio, e segue abrindo-se aos poucos em uma panorâmica que permite descobrir que aquele trecho inicial está sob a ponte conducente à casa de Cora. É todo sonorizado pelo murmurejar do rio, em paralelo com o sussurro do poema *Rio Vermelho*. Assim, remete ao conteúdo “imaginante” da água, presente na obra da poetisa, e intensamente trabalhado por Bachelard. No poema de Cora, a água fluvial surge como imagem da transitoriedade, expressando o sentimento da poetisa sobre sua própria transitividade. Remete, assim, às seguintes palavras de Bachelard (1998, p. 7) em *A água e os sonhos*: “A água é realmente o elemento transitório. [...] O ser votado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente.”

O vídeo *Quintal imaginável* acerca-se da casa por seu quintal, descortinando sua pujança em folhagens e frutos, terminando em uma portada para a casa, como se toda aquela exuberância fosse ramificar-se nela, enraizando-se aí, e infundindo sua moradora. Reflete, portanto, uma visão bachelardiana da florescência, assim expressa em *A terra e os devaneios do repouso* (1990, p. 224): “Florescer bem é então uma maneira de enraizar-se.”



Figura 6 – Janela da videocrônica *Quintal imaginável* no *travelling* pelo quintal.

Fonte: Cidades Históricas Brasileiras/Goiás.

Disponível em: <[http://www.cidadeshistoricas.art.br/php/videocronicas.php?video=c\\_go31](http://www.cidadeshistoricas.art.br/php/videocronicas.php?video=c_go31)>.

Acesso em: 31 jul. 2012.



Figura 7 – Janela da videocrônica *Quintal imaginável* na sequência da portada da casa.

Fonte: Cidades Históricas Brasileiras/Goiás.

Disponível em: <[http://www.cidadeshistoricas.art.br/php/videocronicas.php?video=c\\_go31](http://www.cidadeshistoricas.art.br/php/videocronicas.php?video=c_go31)>.  
Acesso em: 31 jul. 2012.

Por fim, o vídeo *Alma na casa* encerra a trilogia com trechos do poema “Minha cidade”, adentrando a casa da poetisa e concentrando-se em pormenores da movelaria. Conforme o site, este vídeo “faz um paralelo entre as imagens do interior da casa, vazia, apenas com objetos pessoais dispostos, e a intimidade psicológica da poeta retratada no poema.” Neste sentido, o vídeo, tanto quanto o poema, reverbera as imagens do segredo, que Bachelard enfoca no capítulo *A gaveta, os cofres e os armários* em sua *Poética do espaço* (1988, p. 91), como sintetiza o trecho a seguir transcrito.

O armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta. Sem esses “objetos” e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria um modelo de intimidade.



Figura 8 – Janela da videocrônica *Alma na casa*, focalizando a escrivaninha da poetisa.

Fonte: Cidades Históricas Brasileiras/Goiás.

Disponível em: <[http://www.cidadeshistoricas.art.br/php/videocronicas.php?video=c\\_go41](http://www.cidadeshistoricas.art.br/php/videocronicas.php?video=c_go41)>.

Acesso em: 31 jul. 2012.

Desse modo, em seu conjunto, a trilogia fílmica sobre Cora entrega o significado da interioridade, com que a representação social de província se manifesta nos vídeos que a compõem. Exposta e demonstrada a representação social da cidade no site, conclui-se pela sua participação também na abordagem do título da Unesco. É o que demonstra a matéria especial sobre o registro da cidade, na seguinte passagem do site:

Cidade pacata, que preserva e cultiva suas tradições, Goiás, antiga capital do estado [sic] ganhou o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, concedido pela Unesco no dia 27 de junho de 2001 e comemorado por toda a população vilaboense.<sup>8</sup>

Doravante passa-se a refletir sobre essa representação relativamente aos critérios II e IV, abaixo reproduzidos, pelos quais a cidade foi registrada pela Unesco (2004, p. 290).

II. Ser a manifestação de um intercâmbio considerável de valores humanos durante um determinado período ou em uma área cultural específica, no desenvolvimento da arquitetura, das artes monumentais, de planejamento urbano ou do desenho da paisagem [...]

IV. Ser um exemplo excepcional de um tipo de edifício ou de conjunto arquitetônico ou tecnológico, ou de paisagem que ilustre uma ou várias etapas significativas da história da humanidade [...].

A representação social de província, ligada a locais como a Provence na França e a Toscana na Itália, em sua internacionalidade e atemporalidade, parece cumprir o desígnio de paisagem ilustrativa contido no critério IV. Além disso, pode-se concluir que a representação social de província repercute o intercâmbio de valores humanos, refletido no desenho de paisagem, no caso de Goiás, da paisagem provinciana ali perpetuada. Desse modo, ao repercutir o teor citado no critério II, a representação social de província concorre para reforçá-lo. Assim sendo, considera-se que a representação social de província, ao corroborar os critérios de tombamento da cidade, contribui para legitimá-los.

#### **4 Conclusões**

Como visto na fundamentação deste trabalho, os sites incorporaram algumas características de suportes que lhes precederam no tempo; entre essas, duas, sobretudo, se fazem mais notáveis. A primeira é a de ser um hipertexto, como o eram, antes dele, as obras de referência, tais como dicionários e atlas, o que patenteia o seu caráter metalínguístico por apropriar-se de linguagens de suportes que os precederam. A segunda é a de destacar elementos narrativos em janelas, como faziam já os antigos planisférios, enciclopédias e revistas, coonestando o aspecto metalinguístico dos sites.

Entre os principais diferenciais dos sites e as narrativas de papel, os aspectos multimídias (textos, imagens, sons, filmes) e a interatividade podem ser apontados como os principais. A exposição multimodal e multifária, a velocidade, a amplitude de difusão e a interação consistem nas principais vantagens que os sites oferecem às cidades como seus novos suportes narrativos.

Os aportes da fundamentação acima sumarizados foram comprovados pela análise empírica, que igualmente permitiu concluir pela intertextualidade entre as janelas virtuais e as narrativas de papel. Especialmente significativos da manifestação de intertextualidade no site analisado são as referências a livros de Cora Coralina, a guias turísticos e a conceitos filosóficos de obras tais como as de Bachelard (denotados

pelos vídeos).

Valida igualmente a intertextualidade a representação social de província para a cidade, repercutindo representações de destinos internacionalmente consagrados, como a Provence e a Toscana. Tal confirmação, por sua vez, concorre para comprovar a aplicabilidade da Teoria das Representações Sociais para o estudo de cidades tombadas ou registradas em mídias. Ademais, esse referencial teórico permitiu constatar também que a representação social detectada no site concorre para legitimar os critérios pelos quais a cidade foi registrada na Lista do Patrimônio Mundial.

## Notas

(1) A autora agradece aos amigos Emmanuel Olivier Petitprez e Luciana Fresleben Zorzal, Norma Lacerda, Raquel Galvéz; agradece também à editora da revista *Viagem e Turismo*, Gabriela Aguerre e à jornalista Claudia Carmello. Muito obrigada a todos.

(2) Arquiteta e urbanista (Universidade Federal do Espírito Santo, 1991), Mestre em Arquitetura (Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003) na área de Teoria e Projeto, Doutora em Desenvolvimento Urbano (Universidade Federal de Pernambuco, 2008), na área de Conservação Urbana. Arquiteta da Secretaria de Desenvolvimento da Prefeitura Municipal de Vitória desde 1992. E-mail: elilordello@gmail.com.

(3) Fundamentado em desdobramentos da tese de doutorado da autora, *Sete Cidades: um estudo das representações sociais na web das cidades brasileiras patrimônio mundial* (MDU/UFPE, orientação da professora Dra. Norma Lacerda), este artigo integra a produção da linha de pesquisa Representações Sociais de Cidades Tombadas na web.

(4) Vale dizer que aqui não são considerados suportes narrativos os aplicativos de telefones e aparelhos multifuncionais. Estes não constituem mídias, mas, sim, ferramentas de comunicação interpessoal. Tampouco são consideradas aqui as redes sociais, que constituem outra categoria de comunicação.

(5) Cf. MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 45-66.  
\_\_\_\_\_. *La Psychanalyse son image et son public*. Paris: Presses Universitaires de France, 2006.  
\_\_\_\_\_. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.  
\_\_\_\_\_. *A máquina de fazer deuses*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

(6) Tal é o caso, por exemplo, de uma obra como *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, originalmente publicada em 1862. Este livro pode ser encontrado em texto integral e conforme o original em bibliotecas virtuais como a *Livresse*. Mas sua leitura nos ecrãs dos computadores demonstra-se extremamente cansativa, pela fadiga provocada pelo brilho da tela, entre outros desconfortos.

(7) Deste último tipo são possíveis várias exemplificações. Uma delas é a da revista *Viagem e Turismo*, com as colunas “VT Responde”, respondendo a questões para o planejamento de viagens, e “Férias Frustradas”, uma espécie de consultoria sobre os direitos dos viajantes. Outra é a da revista *Vida Simples*, que, entre as suas diferentes possibilidades de semelhante interação, mantém a coluna “Pensando Bem”, cujo propósito declarado é refletir sobre inquietações levantadas pelos leitores.

(8) Há um erro nessa passagem: a data correta da obtenção do título de patrimônio mundial da cidade é 16 de dezembro de 2001 (Unesco, 2008).

## Referências

ARRUDA, A. O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BACHELARD, G. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BUSATO, R. W. *Características dos recursos informáticos da Web*. 2006. Entrevista concedida a Eliane Lordello, Vitória, 15 jun. 2006.

CARMELLO, C. Guia de viagem: 10 razões para você se apaixonar pela Provence. *Viagem e Turismo*, São Paulo, ano 13, n. 9, set. 2007. Suplemento.

CIDADES históricas brasileiras: Goiás Velho. Disponível em: <<http://www.cidadeshistoricas.art.br/goias/>>. Acesso em: 31 jul. 2012.

CLUBE DE LEITURAS. *Leon Tolstói – Biografia*. Lisboa, 2008. Disponível em: <<http://www.clube-de-leituras.net/index.php?s=autores&id=48>>. Acesso em: 9 maio 2008.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa 1.0*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LACERDA, M. Colecionador de histórias. *Vida Simples*, São Paulo, ano 4, n. 3, p. 38-43, mar. 2006.

MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, A. L. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890–1922)*. São Paulo: Edusp, 2001.

MELO NETO, J. C. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

PARAIZO, R. C. *A representação do patrimônio urbano em hiperdocumentos: um estudo sobre o Palácio Monroe*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, 2003. Disponível em: <<http://www.nitnet.com.br/~rodcury/dissertacao/apresentacao.htm>>. Acesso em: 1 ago 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Patrimônio mundial no Brasil*. 3. ed. Brasília: Unesco, 2004.

ZILBERMAN, R. Fim da era do livro? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 out. 2000. Caderno B, p. 1-2.

Recebido em: 19/02/2014

Aceito para publicação em: 11/12/2014